

Paraná em Revista

14/01/2020

Revistas paranaenses ajudaram a contar a história do Estado ao longo do século XX

Daniel Zanella

Quando Cândido Lopes editou, em 1854, o primeiro jornal paranaense, chamado Dezenove de Dezembro, deu



início a uma rica tradição de periódicos que ajudariam a contar a história do Estado ao longo do século XX. Além de jornais, como o próprio Dezenove de Dezembro e O Dia, diversas revistas marcaram a vida dos leitores paranaenses.

São publicações heterogêneas, como a Ilustração Parananense, que militava a favor do Paranismo, e a Joaquim, que nasceu justamente para contestar o fervoroso bairrismo que permeava as discussões culturais no Estado, especialmente na capital Curitiba. Mas havia espaço ainda para revistas de variedades, como Panorama, e até publicações mais segmentadas, como o Paraná Econômico. Essas revistas fazem parte do acervo de mais de três mil títulos de periódicos da Divisão de Documentação Parananense da Biblioteca

Pública do Paraná.

Editada pelo fotógrafo e cineasta João Batista Groff no auge do Paranismo — movimento de exaltação dos valores e atributos do Estado — a *Ilustração Paranaense* é uma das relíquias do acervo da Divisão. Mensal, a revista circulou entre 1927 e 1930 e exaltava o crescimento, a industrialização e a urbanização de Curitiba e do Paraná. Com colaboradores como os pintores João Turin e Alfredo Andersen, a revista trazia as lendas, mitos e belezas do Paraná, sempre em busca da almejada identidade regional. Pouco antes de morrer, Groff deixou à Biblioteca Pública do Paraná sua coleção particular da revista *A Gran-Fina*. Editada pelo jornal curitibano *O Dia*, outra preciosidade do acervo da Biblioteca Pública do Paraná. A revista era semanal e abordava bastidores esportivos, publicava contos, oferecia dicas de comportamento — como na edição nº 79, de 9 de setembro de 19XX, em que são apresentadas dicas para a mulher moderna, alertada a não se casar com um homem para mudar-lhe o temperamento — e excelentes textos sobre literatura, como a matéria que, em 1942, apresentava o jovem Wilson Martins "como uma das mais belas e sadias inteligências da sua geração, um acadêmico de Direito, cultor das belas-letas, jornalista e literato".



Joaquim: a reinvenção da província

No campo cultural, nenhuma outra revista paranaense fez tanto alarde quanto Joaquim, a revista editada por Dalton Trevisan entre 1946 e 1948 em Curitiba, que, segundo o próprio Trevisan, era uma “homenagem a todos os Joaquims do Brasil”. Joaquim tinha um espírito combativo que fez dela um marco na literatura nacional e alçou o nome de Trevisan ao centro de discussões acaloradas sobre a cultura paranaense e nacional. Em um dos textos mais célebres da revista, Trevisan faz duras críticas à poesia do simbolista paranaense Emiliano Pernetá, o qual considerava um “poeta medíocre, feitor de uma poesia de casinha de chocolate”. “Pobre de quem lê 'Ciúme da Morte' [famoso poema de Pernetá], em

vez de Dostoiévski”, escreve Trevisan. A ironia fica por conta do endereço da redação da revista, localizada na Rua Emiliano Pernetá, 476, no centro de Curitiba.

Escreviam e ilustravam o periódico nomes como Poty Lazarotto, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Wilson Martins. O próprio Dalton Trevisan publicou contos e poemas na revista. Na segunda edição, de junho de 1946, Carlos Drummond de Andrade, em carta endereçada à redação, escreve: “Estou recebendo o primeiro número de Joaquim. Ainda bem que continuam a surgir no Brasil as revistas de moços. Porque os velhos e os simplesmente maduros estão calados, e na sua plenitude parece que desistiram mesmo dessa tarefa que toda geração se impõe quando está nascendo: reformar a vida.”

Conforme título do trabalho de doutorado do escritor e crítico Miguel Sanches Neto, as 21 edições da Joaquim representaram a “reinvenção da província”. O próprio Sanches Neto foi o responsável, no ano de 2000, quando era diretor da Imprensa Oficial do Paraná, pela edição fac-símile da revista.

Variedades

Outra revista que fez sucesso entre os leitores paranaenses foi a Panorama. Fundada em Londrina, em 1951,

JAZZ



BOEMIA MUSICAL NA MADRUGADA

Reportagem de ROBERTO MUGGIATI

Fotos de SÉRGIO MATULEVICIUS

UMA destas noites um baterista conhecido nas rodas boêmias veio me procurar no jornal. Um pouco afobado explicou o caso: queria trocar por outro disco ou então comprar, sem fazer questão do preço, um LP do trombonista J. J. Johnson. Contou como o Maciel do trombone lhe tinha emprestado o disco e como esse lhe fôra furtado na boate.

— Afanaram enquanto eu estava tocando bateria. O gato só deixou a capa do longueplel.

Narrou também como fôra criada uma situação, pois o Maciel era muito apegado ao LP do Johnson, uma verdadeira escola de estilo para qualquer trombonista e como uma mulher entrara na casa chamando-o de "vi-garista" e dizendo que a história do furto era "fria".

Sofreu o problema alguns dias. Finalmente vislumbrou uma chance de solucioná-lo quando soube, através

de outro trombonista, o Raulzinho, que existia um outro LP igual em Curitiba, o meu. Foi daí que veio ao jornal, pedindo a minha boa vontade, compreensão, etc.

Episódios desse gênero acontecem frequentemente entre os poucos músicos nossos que gostam de jazz moderno. Em Curitiba o número não ultrapassa a duas dezenas. Em cidades como Rio e São Paulo já o número é um pouco maior. Como diz Raulzinho, "jazz em Curitiba não dá pé". Raulzinho foi escolhido em 1958 pelo "disc-jockey" Paulo Santos "o melhor instrumentista do país". É um dos bons músicos de jazz no Brasil e o melhor improvisador no seu instrumento (trombone-de-válvula). Veio do Rio Rio para a banda da Base Aérea do Bacacheri, assim como outros músicos. Entre esses estão alguns antigos astros de famosas orquestras cariocas como "Os Guanabaras", "Cipó", etc.: Godô (bateria),

LOUIS ARMSTRONG QUERIA LEVAR RAULZINHO PARA LAS VEGAS. ELE NÃO ACEITOU.



pelo jornalista e professor Adolfo Soethe, mudou sua sede para Curitiba uma década depois. Com correspondentes em diversas capitais brasileiras, a revista apresentava uma variedade enorme de assuntos, com matérias que descreviam desde as belezas naturais da Ilha do Mel, no litoral paranaense, até o "mundo corrupto dos cassinos curitibanos".

"Panorama tinha colaboradores fixos, mas não uma equipe assalariada", diz o escritor e jornalista Roberto Muggiati, que nos anos 1960 foi colaborador da revista. "Havia matérias políticas, assuntos mais amenos e perfis sociais. O colunista Dino Almeida [conhecido jornalista da imprensa paranaense] fazia reportagens e dava alguma abertura para assuntos culturais. Publiquei uma

reportagem de quatro páginas, no número 99, de agosto de 1960, com o título de 'Jazz: Boemia Musical na Madrugada', tendo como personagem principal o trombonista Raul de Souza. A matéria trazia fotografias, à noite, das ruas de Curitiba, feitas pelo genial Sérgio Matulevicius, que cuidava do departamento fotográfico da revista. Sérgio depois foi trabalhar no Rio, na Cruzeiro e na Manchete.”

A Revista da Guaíra foi contemporânea da Panorama e teve grande influência na década de 1950. Foi fundada em fevereiro de 1949 pelo alagoano radicado em Curitiba Oscar Joseph de Plácido e Silva (1893-1963) que, influenciado pela numerologia, assinava De Plácido e Silva. A Revista da Guaíra contava com a colaboração de jornalistas que viriam a se tornar grandes nomes do jornalismo local, como Luiz Geraldo Mazza. Também publicava editoriais politizados sobre temas de incidência nacional, como o salário mínimo, a liberdade de expressão e a inflação. De concursos de robustez infantil a anúncios sobre os nobres benefícios da Emulsão de Scott — que à época aterrorizou milhares de crianças —, a revista também repercutia em



setembro de 1954 a morte de Getúlio Vargas. Nas legendas fotográficas, os comunistas são acusados de promoverem a desordem verificada em algumas manifestações populares. A Revista da Guaíra cessou a sua circulação no começo da década de 1960, após um incêndio que destruiu sua sede.

A Divulgação Paranaense, de propriedade de Arnaud Ferreira Velloso — hoje rua da Cidade Industrial — circulou nas décadas de 50 e 60. Fechou em abril de 1965. Toda em preto e branco, mesclava acontecimentos sociais com poesia e teorias literárias, e contava com colaboradores como Dino Almeida e Serafim França. Tinha perfis com jovens do mês, espaço nobre onde senhoritas da high society destacavam seus livros preferidos e o padrão ideal de homem. Também repercutia-se de forma bem amistosa as realizações dos governos locais.

Serviço:

O acesso às revistas é mediado pelos funcionários da BPP e aberto ao público. A Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná atende de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 20h; aos sábados, das 8h30 às 13h.